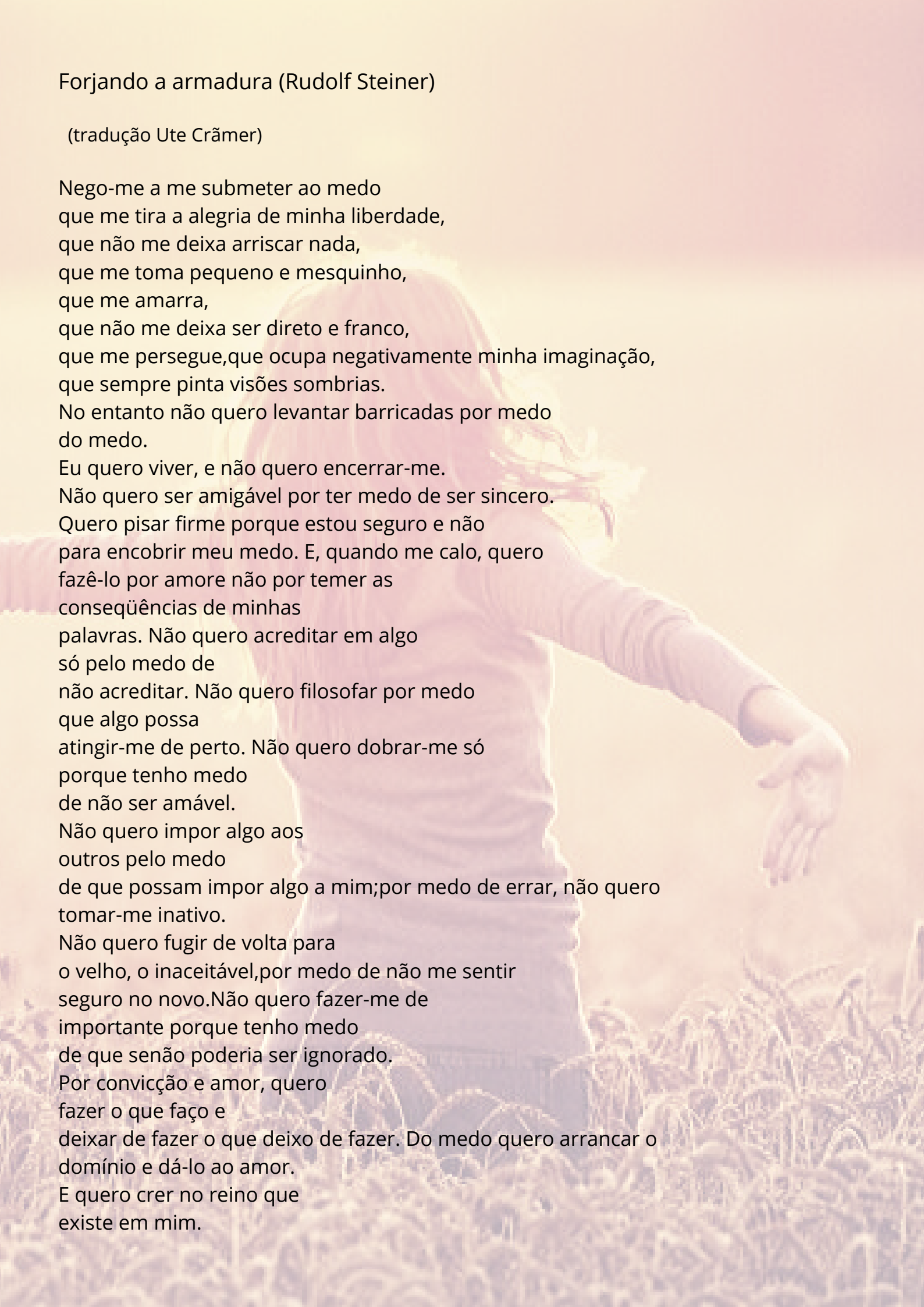


Forjando a armadura (Rudolf Steiner)

(tradução Ute Crãmer)



Nego-me a me submeter ao medo
que me tira a alegria de minha liberdade,
que não me deixa arriscar nada,
que me toma pequeno e mesquinho,
que me amarra,
que não me deixa ser direto e franco,
que me persegue, que ocupa negativamente minha imaginação,
que sempre pinta visões sombrias.
No entanto não quero levantar barricadas por medo
do medo.
Eu quero viver, e não quero encerrar-me.
Não quero ser amigável por ter medo de ser sincero.
Quero pisar firme porque estou seguro e não
para encobrir meu medo. E, quando me calo, quero
fazê-lo por amor não por temer as
conseqüências de minhas
palavras. Não quero acreditar em algo
só pelo medo de
não acreditar. Não quero filosofar por medo
que algo possa
atingir-me de perto. Não quero dobrar-me só
porque tenho medo
de não ser amável.
Não quero impor algo aos
outros pelo medo
de que possam impor algo a mim; por medo de errar, não quero
tomar-me inativo.
Não quero fugir de volta para
o velho, o inaceitável, por medo de não me sentir
seguro no novo. Não quero fazer-me de
importante porque tenho medo
de que senão poderia ser ignorado.
Por convicção e amor, quero
fazer o que faço e
deixar de fazer o que deixo de fazer. Do medo quero arrancar o
domínio e dá-lo ao amor.
E quero crer no reino que
existe em mim.